

## 4

### De Volta à Vida Civil: DDR e a Reação das Ex-Crianças Soldado ao Processo de Reintegração

#### 4.1.

##### Introdução

Nos últimos dois capítulos, partimos da análise do fenômeno da criança soldado no contexto das novas guerras para compreender tanto as repostas teóricas elaboradas no campo da Segurança Internacional quanto as práticas, nomeadamente, o desenvolvimento do programa de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração de ex-crianças soldado (DDR). Neste presente capítulo, por sua vez, abordamos as vozes de crianças que foram abduzidas por grupos armados em todo o mundo. Nosso objetivo é analisar o quão distante ou próximo está o discurso das Nações Unidas em relação ao destes meninos e meninas sobre o que é fundamental para a reintegração à vida civil ou, em outras palavras, para a recuperação da própria infância.

Em resumo, argumentamos que o DDR de ex-crianças soldado é uma *ferramenta em potencial*, uma vez que o programa, de forma geral e em teoria, atenta para os mesmos fatores destacados pelas próprias crianças em seus depoimentos. No entanto, na prática, verificamos, por meio das frustrações e medos apresentados nos relatos analisados, que ainda há um caminho a ser percorrido no desenvolvimento e na implementação do DDR em campo.

Até hoje os poucos estudos que buscaram considerar as dimensões locais do problema da criança soldado tenderam a restringir estes meninos e meninas a padrões fixos de comportamento e de desejos. Referências frequentes a “ex-crianças soldado traumatizadas” ou “geração perdida” são questionáveis quando analisamos depoimentos de ex-crianças soldado que nos fazem refletir sobre a diversidade de lógicas sociais que coexistem sem abandonar as próprias referências. Isto nos leva a pensar sobre a interação entre as práticas da ONU - especificamente, o DDR de ex-crianças soldado - e o próprio público alvo do

programa em termos plurais, i.e., sem estabelecer uma fórmula única para tal relação.

Nesse sentido, selecionamos 86 depoimentos de ex-meninos e meninas soldado oriundos de 21 países distintos. Como já explicitado na metodologia deste trabalho, devido à impossibilidade da realização de uma pesquisa de campo, este estudo é baseado em relatos de ex-crianças soldados publicados em livros acadêmicos, em relatórios de ONGs e de agências internacionais e em notícias veiculadas pela mídia. Nossa idéia com este estudo é analisar as considerações destes jovens acerca dos fatores tidos como fundamentais à reintegração à vida civil para então identificar uma correspondência ou não com a prática do DDR. Na seção seguinte, fazemos uma exposição geral acerca dos depoimentos: desde os desejos destes jovens desmobilizados ao retornarem à vida civil às coincidências e distanciamentos em relação ao programa de DDR.

Por fim, a partir dos dados da pesquisa, passamos à última seção deste capítulo. Para buscar compreender a relativa falta de sintonia entre a resposta das ex-crianças soldado ao processo de reintegração à vida civil e o programa de DDR na prática, voltamos à discussão de Foucault (2008) sobre a constituição do indivíduo moderno - e o paralelo com a produção de uma noção de infância normalizada - apresentada no capítulo 2. Neste subcapítulo, as perguntas que nos orientam são: Quais são as conseqüências do programa de DDR partir de uma noção de infância normalizada? O processo de reintegração ao qual as crianças são submetidas é o mais adequado ao retorno à determinada sociedade? Porque as crianças soldado desmobilizadas, embora consideradas *normais* aos olhos da ONU, permanecem, em muitos casos, *excluídas* das próprias comunidades?

#### 4.2.

#### **Os Depoimentos de Ex-Crianças Soldado: Considerações Gerais**

A pesquisa apresentada neste trabalho foi realizada com a finalidade de verificar a relação entre as declarações de ex-crianças soldado e o discurso das Nações Unidas sobre o processo de reintegração no período de pós-conflito armado. Isto é, com base nos depoimentos de 86 jovens desmobilizados de 21 países distintos, buscamos identificar se os desejos, frustrações e medos apresentados são respondidos ou não por elementos considerados pela ONU

essenciais ao processo de reintegração à vida civil ou, melhor, de recuperação da infância interrompida<sup>37</sup>.

Os depoimentos apresentados neste estudo são de meninos (59) e meninas (27) que tiveram experiências distintas enquanto vinculadas aos grupos armados oficiais ou não. Optamos por diversificar os países de origem das ex-crianças soldado<sup>38</sup>, pois buscamos ilustrar a globalidade deste fenômeno, além de identificar experiências comuns – apesar de condições socioculturais específicas e das particularidades de cada conflito armado - entre estes jovens no processo de transição à vida civil.

Além da diversidade entre as nacionalidades, estes jovens apresentam experiências distintas enquanto ex-membros de forças ou grupos militares. Há declarações de jovens que foram crianças soldado durante semanas, enquanto outros estiveram na zona de combate ao longo de anos. No entanto a violência esteve presente na vida de todos. Somado à exploração física, psicológica e sexual, estas ex-crianças soldado foram obrigadas a testemunhar atrocidades cometidas por seus líderes contra as próprias comunidades, famílias e amigos. Portanto, uma vez que todos estes meninos e meninas foram impactados por tais experiências, as provisões direcionadas a estes jovens desmobilizados não devem ser baseadas somente no tempo de permanência com os grupos armados<sup>39</sup>.

A fim de identificar os fatores considerados pelas próprias ex-crianças soldado fundamentais à reintegração à vida civil, passamos à seção, na qual analisamos os discursos destes jovens desmobilizados. Nosso objetivo é verificar a relação entre as informações presentes nos depoimentos e o programa de DDR exclusivo para estes meninos e meninas.

---

<sup>37</sup> Diante de um universo de cerca de 300 mil crianças soldado, as conclusões desta pesquisa são baseadas em um número relativamente pequeno de depoimentos. No entanto, este estudo, como ficou claro na discussão metodológica feita na introdução deste trabalho, visa, a partir da análise de discurso destas crianças, promover reflexões críticas sobre o programa de DDR de ex-crianças soldado. Outro desafio, também apresentado na discussão metodológica, é a necessidade de lidar com fontes secundárias devido à impossibilidade de realização de trabalho de campo. Porém, acreditamos que estes relatos mantêm seu valor como objeto de pesquisa, uma vez que nos permitem ouvir as vozes destas crianças e entender o que estas consideram fundamental à própria reintegração à vida civil.

<sup>38</sup> Os depoimentos recolhidos advêm de 21 países, sendo a maioria africana em função da maior disponibilidade de informações sobre as guerras neste continente.

<sup>39</sup> No caso de crianças que foram recrutadas muito novas – por exemplo, 5 anos de idade – e que literalmente cresceram dentro dos grupos ou forças armadas, o tempo de permanência com os grupos militares influi de forma significativa na elaboração das respostas. Isto porque, as

#### 4.2.1. Análise do Discurso das Ex-Crianças Soldado

Como vimos no capítulo anterior, no qual abordamos o programa de DDR direcionado às ex-crianças soldado, as Nações Unidas – através do IDDRS (UNDPKO, 2006, seção 5.3) - e a própria experiência acumulada a partir de programas de DDR passados (Verhey, 2001) apontam três fatores fundamentais à reintegração dos jovens desmobilizados à sociedade: reunificação familiar, educação e treinamento vocacional/aquisição de emprego. No entanto sabemos também que a adoção de um programa padrão que inclui estes três elementos não é suficiente para assegurar a transição bem-sucedida das ex-crianças soldado à vida civil. O DDR, elaborado pela ONU, precisa estar fundamentado na situação particular da sociedade onde será implementado e deve, principalmente, reconhecer a influência de diversidades – como, classe social, etnia, gênero, idade, tempo de permanência com os grupos armados, situação familiar, entre outras - nas necessidades e nas experiências das ex-crianças soldado no contexto de pós-conflito armado (Jareg, 2005).

Baseado em dados advindos de estudos já realizados, Sean Breadley<sup>40</sup>, coordenador da unidade de Conflito e Desenvolvimento Social do Banco Mundial, afirma que a importância de cada um dos três fatores considerados essenciais à reintegração – educação, reunificação familiar e treinamento vocacional – varia de acordo com três grupos gerais. O primeiro grupo, constituído por crianças menores de 15 anos que não desempenharam o papel de combatente, tem a reunificação familiar e o retorno à escola como aspectos indispensáveis à reintegração à vida civil. Já para o segundo grupo, formado por crianças combatentes menores de 15 anos, o apoio familiar e a assistência psicossocial são essenciais. E, por fim, o terceiro grupo - crianças maiores de 15 anos ou “jovens adultos” - demanda inclusão econômica, sua aceitação pela comunidade e a reconciliação.

---

crianças, nesta situação, consideram o grupo armado sua família e, portanto, o desligamento com a vida militar pode ser ainda mais complexo.

<sup>40</sup> Entrevista concedida à autora por e-mail em 22 de fevereiro de 2009. A unidade do Banco Mundial, da qual o entrevistado é coordenador, desenvolve e implementa o Programa Multi-País de Desmobilização e Reintegração (MDRP) que tem atualmente um grupo alvo de 450 mil ex-militares em sete países na África.

Diante da variedade de aspectos que podem influenciar no processo de reintegração de ex-crianças soldado à vida civil, optamos, neste trabalho por ouvir as vozes dos próprios jovens desmobilizados. Por meio da análise do discurso das crianças, buscamos identificar os fatores por elas considerados fundamentais à transição à vida civil no pós-conflito armado para então identificar se há ou não correspondência com a prática do DDR. Para isso, verificamos a relação entre os depoimentos das ex-crianças soldado e cada uma das três categorias tidas pela ONU como essenciais à reintegração: educação, treinamento vocacional e reunificação familiar.

Sobre a questão da educação, nossa pesquisa coincide com os aspectos apontados por Bradley. O desejo de retornar à escola está presente em 23 relatos, sendo que 13 destes são de crianças menores de 15 anos e apenas quatro são de “jovens adultos” (a idade das outras seis crianças é desconhecida). A partir da análise do discurso destas crianças, verificamos a clara associação feita por elas próprias entre a ruptura com a vida militar e a retomada dos estudos. Dentro desta idéia, o desejo de estudar aponta para uma forte relação entre a rotina infantil e ir à escola. Isto é, se estes jovens desmobilizados retornam às comunidades como *crianças*, o colégio deve fazer parte do seu dia-a-dia. Os quatro relatos abaixo são esclarecedores:

“I started fighting at the age of six. I decided to turn in my gun because I *want to go back to school*” [Libéria, ex-menino soldado, 13 anos] (Singer, 2006, p.189; ênfases minhas).

“As I know, *education is the key*. It is better than silver and gold”. [Serra Leoa, ex-menino soldado] (Coalition, 2004, p.9; ênfases minhas).

“What I want to do is forget the way they killed and molested people in my presence, and the bad things that I did... *I want to learn a trade or go to school and forget about the war*”. [Costa do Marfim, ex-menino soldado, 14 anos] (Save the Children, 2005, p.20; ênfases minhas).

“You cannot be fighting and at the same time be in school”. [Serra Leoa, ex-menino soldado ao justificar porque não retornou ao combate] (Idem).

Para outras crianças, que também priorizam a educação no processo de transição à vida civil, o “querer estudar” é justificado uma vez que permite a construção de uma identidade não militar. Neste caso, a escola é fundamental à reintegração à vida civil, pois equivale ao início de um processo que deve terminar com a aquisição de um emprego não militar. O binômio “escola – ter um

emprego” aparece em 6 dos 23 depoimentos. Este dado sugere que a possibilidade de estudo – e não mais as armas - representa o meio para garantir o futuro. Isto fica claro nos três relatos a seguir:

“School is important if I am going to do something in life”. [Nepal, ex-menino soldado, seqüestrado aos 13 anos] (Disponível em: [http://www.savethechildren.net/alliance/what\\_we\\_do/rewritethefuture/voices/henang.html](http://www.savethechildren.net/alliance/what_we_do/rewritethefuture/voices/henang.html); Acesso em 30 jan. 2009).

“(…) And I am studying here. *I now want to finish school, to have a job.* I want to be a teacher. Those are things that I hope for. I realize that I can change my life. I want to lead a peaceful life.” [Filipinas, ex-menina soldado, 16 anos] (Unicef, 2003, p.69; ênfases minhas).

“*I want to go back to school. And then I want to become a secretary.*” [Libéria, ex-menina soldado] (Spetch, 2006, p.70; ênfases minhas).

No entanto a simples inserção das crianças na escola não é suficiente, uma vez que o valor das taxas e dos materiais escolares é, para muitos dos jovens desmobilizados, proibitivo. Nesse sentido, uma das crianças sugere:

The main thing for our reintegration to be better is for school materials to be issued to us to further education and if there will be any support like microcredit to our parents and for scholarships to those that... That is the main thing that can help the reintegration to succeed (Brett e Spetch, 2004, p.130).

Além disso, muitas crianças apresentam dificuldade para se adaptar à rotina escolar e se sentem desconfortáveis quando alocados em turmas com jovens mais novos. Como conta uma ex-menina soldado de El Salvador: “Now they do give classes, *but I won't go with those little boys*” (Verhey, 2001, p.19; ênfases minhas). As recomendações propostas pelos Princípios de Paris (2007) nesse sentido são, por exemplo, a implementação dos programas de aprendizado acelerado adaptados aos adolescentes que perderam anos de estudo ou aulas noturnas, que permitem que os jovens desmobilizados trabalhem durante o dia.

A segunda categoria, considerada pelas Nações Unidas fundamental à reintegração de ex-crianças à vida civil, é o treinamento vocacional. Quatorze dos 86 depoimentos analisados - sendo 6 destes de jovens maiores de 15 anos (7 dos 14 relatos não revelam a idade) – explicitam a necessidade de possuírem algum meio de subsistência ao retornarem às comunidades após o fim do conflito armado. Muitas destas ex-crianças soldado retornam já chefes de família, isto é, acompanhados de esposa/marido e de filhos, ou são as únicas fontes de renda da família à qual foram reinseridas. Neste caso, as crianças desmobilizadas tendem a demandar treinamento vocacional, assistência na aquisição de terras cultiváveis,

de empregos ou de pequenos fundos para iniciarem os próprios negócios. Uma vez que estas crianças retornam à vida civil com responsabilidades distintas, a escola deixa de ser prioridade neste processo de transição. Este binômio “emprego – auto-sustento/sustento familiar” aparece em 9 dos 14 depoimentos e é exemplificado nos quatro relatos selecionados:

“In 1997, there was an order of release, in order to return to school [...] but *I wanted to do something else in order to secure my future; there are two younger ones after me*, so I have to do something.” [República Democrática do Congo, Ex-menino soldado] (Brett and Spetch, 2004, p.131; ênfases minhas).

“(...) I have learned how to sew, bake bread, make ham and make a living. Now, I'm living with my maternal grandmother. *I'm the head of a family and I'm responsible for my two children and my grandmother (...)*.” [República Democrática do Congo, ex-menina soldado] (Rádio Netherlands Worldwide, Disponível em: <http://www.radionetherlands.nl/specialseries/women-war/rape-rebels-congo>; Acesso em: 26 jun. 2008; ênfases minhas).

“The war put an end to school, and, *I was afraid I would have no way to earn a living*. In this program, *we are learning a skill that will give us jobs*. Right now we learn how to design, cut, and sew but we will learn how to buy cloth and make our own business.” [Serra Leoa, ex-menina soldado; ênfases minhas] (Wessels, 2006, p.204).

“I want to be a good farmer, because *I already lost hope of being able to study*, and because I don't want to lose hope completely in my life, I would rather live, work the land, *help my mother and try to get a wife*” [Angola, ex-menino soldado; ênfases minhas] (Honwana, 2006, p.144).

Estes depoimentos tornam nebulosa a fronteira normativa entre infância e adultez estabelecida pelo marco de 18 anos. Dessa forma, a análise do discurso destes jovens nos leva a questionar o que é ser criança e, principalmente, se é possível estabelecer um modelo único de infância. No capítulo 2, onde discutimos a questão da infância, vimos que o Direito Internacional Humanitário associa a criança à imagem de seres pré-sociais e incapazes de assumirem responsabilidades (Honwana, 2001). No entanto, a partir destes relatos, percebemos que estas ex-crianças soldado, ao desempenharem o papel de chefes de família e ao assumirem responsabilidades profissionais, trazem à tona uma noção de infância distinta. No caso destes “jovens adultos” desmobilizados, a educação deixa de ser um fator fundamental à reintegração à sociedade no pós-conflito armado. Em detrimento da escola, a aquisição imediata do emprego equivale à garantia de futuro como civil. Diante destas diversidades, fica cada vez mais claro que não há uma fórmula única para o DDR. Este programa deve sempre buscar refletir as demandas do seu público-alvo, sejam as crianças soldado na África ou na Europa.

Além dos programas profissionalizantes aderirem aos padrões internacionais que regulam o trabalho infantil, estes treinamentos vocacionais devem estar fundamentados na economia local e em previsões de demanda futura, considerando a capacidade de absorção dos mercados. Em Serra Leoa, por exemplo, um dos ex-meninos soldado questiona, em seu depoimento, porque não foi oferecido treinamento para agricultura, já que tal atividade era a preferência da maioria dos jovens desmobilizados (Peters, 2007, p.50). Somado a isso, o treinamento deve vir acompanhado de ferramentas de trabalho adequadas para que os jovens desmobilizados possam iniciar suas atividades:

(...) I don't know what I will do, now: I would like to go back home but it is still unsafe, and I fear the rebels coming again. I am learning bicycle repair here, but when *I must leave I fear having no tools. I do not know how I will support myself.* [Uganda, ex-menino soldado, 14 anos] (HRW, 1997, p.52; ênfases minhas)

O terceiro tema mais mencionado pelas crianças em seus depoimentos (9) é a importância da reunificação familiar. Este dado coincide com a conclusão das Nações Unidas acerca dos fatores considerados essenciais à reintegração de ex-crianças soldado. No capítulo anterior sobre o DDR de ex-crianças soldado, ressaltamos que o programa deve buscar identificar as famílias das ex-crianças soldado e promover o reencontro o mais rápido possível. Este depoimento de um ex-menino soldado colombiano é ilustrativo: “Sometimes, my conscience troubles me. *Now I hope to be with my family again* and share things with them, to rethink, to think of a better tomorrow and to see the world with open eyes” (HRW, 2003, p.111; ênfases minhas). No caso dos “jovens adultos” que, muitas vezes, retornam à vida civil com uma nova família constituída durante o conflito armado, a prioridade é sua aceitação por parte da comunidade e não necessariamente de sua família de origem.

Ao analisar os depoimentos, é possível perceber que as ex-crianças soldado associam a reunificação familiar à primeira etapa de um processo de reconciliação e aceitação por parte da comunidade, que é indispensável à reintegração à vida civil. Identificamos em 6 dos 9 relatos o binômio “família – segurança/proteção”. Em outras palavras, a família desempenha o papel de um “porto seguro” que é fundamental ao retorno à vida civil. Vejamos quatro exemplos:

“(...) Now, *I am stuck here because my family was killed* in a government attack and because the SPLA would re-recruit me. At times I wonder why I am not going back to SPLA, half of my friends have and they seem to be better off than me.”

[Sudão, ex-menino soldado] (Site da ONG Coalition: Disponível em: <http://www.child-soldiers.org/childsoldiers/voices-of-young-soldiers>; Acesso em: 10 jan. 2009; ênfases minhas).

*“If our parents are dead what will we do, and then what will we do when we’ll be back home? They are going to leave us over there without anything, without work”* [República Democrática do Congo, ex-menina soldado] (Brett e Spetch, 2004, p.135; ênfases minhas).

*“Other children insult me and when I try to fight them they run to the teacher’s office. The teacher says “If your head is confused because you were abducted, don’t come and disturb others”. Then the teacher beat me up. I went back with my parents and now it’s a bit better”* [Uganda, ex-menino soldado, 14 anos] (Coalition, 2008b, p.16; ênfases minhas).

*“Now after disarming I’m going back to my family to begin a new life and to beg my neighbors, the people in my community, for forgiveness.”* [República Democrática do Congo, ex-menino soldado, 14 anos] (Singer, 2006, p.191; ênfases minhas).

No entanto, se por um lado os estudos indicam que as famílias destes jovens desmobilizados os recebem em geral bem, por outro, as ex-crianças soldado, através dos depoimentos (9), mencionam a extensiva e persistente estigmatização e rejeição por parte da comunidade e a constante intimidação exercida pelos colegas na escola. Nos relatos analisados, as crianças expressam o receio de não serem aceitos pela comunidade, uma vez que são rotulados como ex-combatentes. Uma das crianças comenta que prefere manter seu cartão de identidade escondido, pois este comprova que ela participou do programa de DDR, logo é uma ex-criança soldado:

*I can show you my ID card that you can see that I did the DD... just a moment... I put it far away in my pocket. I don’t want for others in this refugee camp to see it. I don’t want them to know that I’m an ex-fighter. People in the camp don’t like ex-fighters* (Spetch, 2006, p.79).

Somado ao rótulo de ex-combatente, as ex-meninas soldado ainda são estigmatizadas por terem sido, em sua maioria, abusadas sexualmente pelos líderes dos grupos armados. Principalmente, as meninas que retornam às comunidades grávidas ou com bebês apresentam grande dificuldade de se reintegrarem por trazerem consigo “filhos da guerra” (McKay e Mazurana, 2004). Nas palavras de uma ex-menina soldado:

*We are not like others girls, because we were taken in the bush. Our minds are not steady, and we cannot eat off the same plates as our families. People call us bad names and do not accept us. They call us bad names. How can they do that? We worry about where we will get money to live and feed our babies. Our hearts are heavy even after the war* (Wessels, 2006, p.195; ênfases minhas).

Neste contexto, os ritos tradicionais e embebidos nas culturas locais são processos que, aliados ao atendimento psicológico tipicamente ocidental, podem surtir resultados positivos tanto na comunidade quanto nas próprias ex-crianças soldado (Honwana, 2006; Verhey, 2001). Como uma ex-menina soldado da República Centro-Africana afirma:

"I feel so bad about the things that I did. It disturbs me so much that I inflicted death on other people. When I go home I must do some traditional rites because I have killed. *I must perform these rites and cleanse myself*". (Site da ONG Coalition: Disponível em: <http://www.child-soldiers.org/childsoldiers/voices-of-young-soldiers>. Acesso em 10 dez. 2008 (ênfases minhas).

A rejeição sofrida por estas crianças dificulta o processo de reintegração à vida civil no pós-conflito armado. Isto fica claro nos depoimentos de duas ex-crianças soldado que reconhecem que o estigma de ex-combatente é o principal empecilho para retomada dos estudos ou à aquisição de um emprego:

"The DDR is good, but they train us and send us to work in *communities who do not trust us. The people give us no jobs*, so some of us sell our tools to live. They should address trust in our communities." [Libéria, ex-menino soldado] (Unicef, 2007, p.18; ênfases minhas).

"Sometimes I think people are talking about me and I feel very sad. I am afraid that the militia will come back here. *We want to continue our studies but sometimes it is difficult – sometimes there are people who don't like us.*" [Timor Leste, ex-menino soldado] (Unicef, 2003, p.69; ênfases minhas).

Estes depoimentos questionam a eficácia do programa de DDR, uma vez que os jovens desmobilizados têm o acesso negado a dois dos fatores considerados pela ONU indispensáveis à reintegração à vida civil – educação e aquisição de um emprego. A estigmatização dos jovens desmobilizados nos leva a refletir sobre a importância da abordagem inclusiva do processo de reintegração, que foi trabalhada no capítulo anterior. Se por um lado os programas de desarmamento e de desmobilização são direcionados estritamente às ex-crianças soldado, as atividades da reintegração devem, por sua vez, ser baseadas na própria comunidade e compor os esforços gerais de reabilitação, reconciliação e de reconstrução da sociedade no pós-conflito armado. Dentro desta idéia, o DDR pode, por exemplo, oferecer treinamento às ex-crianças soldado que as capacitem de forma a desempenhar funções que as tornem *úteis* aos olhos das próprias comunidades (Singer, 2006). Dessa forma, o estigma é minimizado.

Longe de ser somente um processo individual, a reintegração é um processo social que visa à aceitação das ex-crianças soldado pela sociedade e ao desenvolvimento de relações apropriadas na escola e nas vidas familiares e profissionais (Wessels, 2006). Dessa forma é possível também diminuir a rejeição às ex-crianças soldado motivada pelos considerados *privilégios* recebidos no programa de DDR:

Because of DDR, I wore nice shoes and new clothes. I was very grateful because I could never have come out of the bush in the state I was in. *But other youths had no nice shoes and clothes. I became stigmatized for a different reason* [Serra Leoa, ex-menino soldado, recrutado aos 16 anos pela RUF] (Wessels, 2006, p.205; ênfases minhas).

Nesse sentido, Serra Leoa ilustra como a reintegração, quando um processo social, contribui para aceitação dos jovens desmobilizados pela sociedade. Lá, a admissão das ex-crianças soldado na escola foi negociada através da provisão pelas Nações Unidas de materiais didáticos aos alunos – independentemente de terem participado do DDR - e para reconstrução da infra-estrutura escolar. Dessa forma, o estigma das ex-crianças soldado perdeu força, pois o programa não mais pagava suas mensalidades escolares – i.e., estes jovens não eram privilegiados em detrimento das outras crianças - e a comunidade como um todo foi beneficiada com o projeto (Unicef, 2005).

Além dos fatores considerados fundamentais à reintegração à vida civil - treinamento vocacional, reunificação familiar e educação - as ex-crianças soldado, que mencionaram o DDR explicitamente nos relatos, destacaram outros elementos positivos do programa: o atendimento físico e psicológico e a provisão do cartão de identidade e de kits desmobilização. A importância do aconselhamento psicológico e da reabilitação física está intimamente relacionada aos efeitos do conflito armado e às experiências violentas nos campos de batalha. Somado a isso, os jovens desmobilizados desconhecem outra forma de agir se não por meio da violência aprendida durante o conflito armado (Verhey, 2001, p.17). Nesse sentido, a assistência psicológica contribui para a mudança de comportamento destes jovens, facilitando sua integração social. Dois depoimentos de ex-meninos soldado de Uganda são ilustrativos: “They counsel you until you *settle your mind*” (Coalition, 2008b, p.24; ênfases minhas) e “There are professional people who counsel you. *You are very aggressive when you come home and your parents cannot help you*” (Idem; ênfases minhas).

Já aqueles que criticaram explicitamente o programa (4) responsabilizaram, principalmente, o não cumprimento das promessas estabelecidas pelo programa. A frustração frente à falta de compromisso é clara nestes dois relatos: “We were *promised* clothes, food and education, and *we haven’t got those*” (Coalition, 2004, p.7; ênfases minhas) e em “I stayed 5 days at the cantonment site. The camp was fine but *I am frustrated* about the DDR process. *They don’t do what they promise us*” (Spetch, 2006, p.95; ênfases minhas). Na maioria dos casos, esta decepção em relação ao programa pode ser evitada com uma política de comunicação clara e detalhada entre o staff da ONU e as ex-crianças soldado desde o início do processo (Verhey, 2001).

A falta de esclarecimentos sobre o DDR contribui também para exclusão de meninos e meninas do programa. Estas ex-crianças soldado, na maioria dos casos, desconhecem os próprios direitos, logo ficam a mercê de boatos ou de informações equivocadas sobre o programa. Ambos os depoimentos de duas ex-meninas soldado liberianas explicitam as conseqüências da falta de uma política de informação clara: “I didn’t participate in DD [sic] because *I did not know if this was an option was for me* (Anistia Internacional, 2008, p.29; ênfases minhas)” e “I couldn’t disarm though because *I didn’t have any ammunition*” (Ibid., p.30; ênfases minhas).

Os dados de nossa pesquisa coincidem com as informações apresentadas pelo IDDRS (UNDPKO, 2006, seção 5.3, p.20), que afirma que 30% das crianças soldado não participam do DDR, por que: (i) desconhecem seus direitos; (ii) não confiam no programa; (iii) são deliberadamente excluídos por não serem combatentes<sup>41</sup>. Estas três explicações estão vinculadas de certa forma a não divulgação de informações detalhadas sobre o programa de DDR. O depoimento de uma ex-menina soldado liberiana deixa claro como rumores e, conseqüentemente, a desconfiança acerca do programa influenciam na decisão de não participar do DDR:

*If you do the DD then they take your name and your picture and put them in the computer. If you want to travel in the future to the US or Europe then they can see in the computer that you are an ex-rebel and then they not allow you. So I didn’t*

---

<sup>41</sup> Esta questão nos remete à diferença entre o DDR de criança soldado e aquele voltado ao soldado adulto, no qual ser combatente é pré-requisito para participar do programa. No caso do DDR para criança soldado, qualquer jovem menor de 18 anos que esteve vinculado a algum grupo militar tem direito a participar do programa.

want to go through the DDR. *I gave my weapon to somebody else who took it to the DDR* (Spetch, 2006, p.88; ênfases minhas).

Assim, diante das informações apresentadas pela pesquisa, é possível afirmar que o DDR voltado às ex-crianças soldado é uma ferramenta em potencial. Em teoria, o programa corresponde às necessidades destacadas pelas próprias crianças no período de reintegração à vida civil. Isto é, tanto as crianças, de forma geral, quanto as Nações Unidas, ao desenvolverem o DDR, focam em três fatores: reunificação familiar, inserção das ex-crianças soldado na escola e o treinamento vocacional destes jovens. No entanto, percebemos através destes depoimentos que, na prática, ainda há um caminho a ser percorrido. Os desejos das ex-crianças soldado são contrapostos por medos, frustrações e desconfianças que apontam para o silêncio dos planejadores do DDR acerca das diversidades sociais, culturais e econômicas inerentes ao grupo de crianças soldado.

Nesse sentido, passamos à última seção deste capítulo com a intenção de entender o porquê da relativa falta de sintonia entre o programa de DDR e a situação destes jovens desmobilizados no pós-conflito armado. Para isso, voltamos à discussão feita por Foucault (2008) sobre a constituição da sociedade disciplinar e ao paralelo traçado, no capítulo 2, com a normalização da infância. Nossa idéia é analisar em que sentido a adoção de uma representação de infância fundamentada na visão ocidental e considerada *normal* pelas Nações Unidas é responsável por certo distanciamento entre o DDR e seu público alvo, isto é, as ex-crianças soldado.

#### 4.3.

#### **DDR, Reintegração à Vida Civil e Infância: uma Relação Plural**

Nesta seção, defendemos o argumento de que a adoção pelas Nações Unidas de um padrão de infância normal, embasado na lógica ocidental, é um fator determinante na relativa falta de sintonia entre o DDR e sua principal finalidade, i.e., a reintegração de ex-crianças soldado à vida civil. Tal asserção não equivale nem a aceitar a imagem de meninos e meninas soldado como face de uma infância específica e localizada nem, portanto, a não intervir em tal situação. Este argumento, de fato, nos faz refletir sobre a pluralidade de possíveis processos de

retorno à vida civil – e de recuperação da infância interrompida - que o DDR, por ser a principal ferramenta neste sentido, deve englobar e atentar.

Como uma construção social - e não uma condição biológica natural - , a infância não é uma experiência universal com duração fixa, mas é diferentemente constituída, exprimindo as diversidades entre sociedades, culturas e comunidades, além das distinções individuais relativas ao gênero, classe social, etnia e história. Conseqüentemente, os fatores essenciais ao retorno à vida civil variam segundo as particularidades individuais e as condições socioculturais específicas ao ambiente ao qual cada ex-criança soldado será reintegrada.

A fim de nos aprofundar neste argumento, partimos das questões acerca da infância suscitadas pela obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, trabalhadas no capítulo 2 deste trabalho, para identificar os possíveis porquês das frustrações, inseguranças e medos expressos por ex-crianças soldados no período de pós-conflito armado em seus depoimentos. Em outras palavras, nossa idéia é analisar em que sentido a adoção de uma representação de infância *normalizada* pelas Nações Unidas implica no desenvolvimento de programas de DDR padrões que, muitas vezes, silenciam as heterogeneidades de jovens desmobilizados advindos de diferentes condições sociais. Daí, por fim, voltamos a analisar a relação entre o programa de DDR e a reação de ex-crianças soldado ao processo de reintegração à vida civil.

No segundo capítulo, trabalhamos, com base no argumento de Foucault sobre a constituição da sociedade disciplinar, como um padrão de infância é estabelecido e mantido independentemente dos diferentes tipos de infância encontrados nos diversos espaços em todo o mundo. Em *Vigiar e Punir* (2008), Foucault faz um relato acerca das formas que moldam o indivíduo moderno, tornado *normalizado* por um poder maior do que ele. As disciplinas, segundo o autor, inauguradas na sociedade moderna, se consagram como fórmulas gerais de dominação e são introduzidas nas escolas, nas famílias e nos exércitos. Tais disciplinas – ou poder da norma – seriam responsáveis por designar sempre uma medida que serve para avaliar o que está conforme a regra e o que a distingue. Isto é, a disciplina determina o parâmetro para opor o *normal* do *patológico*.

A partir do argumento de Foucault em *Vigiar e Punir*, é possível, então, entendermos como se deu o processo de produção de uma noção de infância normal. Por meio de práticas disciplinares, são estabelecidas, simultaneamente, a

norma de infância à qual a sociedade deve se submeter e as noções de infância que devem ser corrigidas. A imagem da criança soldado – foco deste trabalho –, por exemplo, foge à noção de infância de diferentes sociedades, inclusive daquela considerada normal pela comunidade internacional, representada aqui pelas Nações Unidas. Nesse sentido, o processo de reintegração destes jovens desmobilizados à vida civil implica em atividades que, teoricamente, visam à *correção* ou à *recuperação* de certa infância interrompida durante o conflito armado. O desafio do programa de DDR, portanto, é lidar com as condições sociais específicas - às quais as ex-crianças soldado serão reintegradas - que influenciam de forma significativa o processo de transição à vida civil.

É certo que ao analisar os depoimentos de ex-crianças soldado, verificamos que há certos fatores que podem ser considerados essenciais ao retorno destes jovens à vida civil, como: educação, reunificação familiar e treinamento vocacional. No entanto, sabemos também, a partir dos mesmos relatos, que a simples inserção destas crianças na escola ou a garantia de um emprego qualquer não são suficientes para assegurar o sucesso do programa de DDR. As necessidades de cada criança e o papel que cada uma desempenha em sua sociedade são distintas e tal diversidade deve estar refletida na elaboração pela ONU de cada programa de DDR.

Nesse sentido, quando as Nações Unidas adotam uma noção de infância fundamentada na visão ocidental como padrão de normalidade, o risco é a implementação de programas de DDR que submetem ex-crianças soldado a um processo de transformação que talvez não seja o mais adequado à reintegração a sociedades com características distintas das ocidentais. Valendo-nos do argumento de Foucault (2008), assim como as disciplinas moldam o indivíduo moderno segundo um padrão de normalidade, o DDR tem o poder de constituir as crianças no pós-conflito armado segundo um padrão *normal* de infância. As consequências, neste caso, podem ser graves, pois as ex-crianças soldado, apesar de classificadas como *normais* após terem participado do programa de DDR, permanecem *excluídas* da comunidade da qual deveriam fazer parte.

Em virtude da implementação de um programa de DDR enviesado – isto é, embasado em uma noção de infância que embora seja considerada universal, é específica e localizada – é possível identificar expressões de medo, de frustração e de inseguranças nos depoimentos analisados. Por exemplo, a associação entre a

instabilidade da situação no pós-conflito armado e o desejo de fugir e se tornar soldado novamente indica a frustração destas crianças ao tentarem retornar à vida civil. Dois depoimentos são ilustrativos nesse sentido:

“Currently, it’s *destabilization*; what I want to say, it’s that in the army, I suffered, but I had a home, a place to stay; I could organize myself, I ate. It’s not like where we are now... *I would like to flee, you know, some children fled so as not to be demobilized*... some stay a month here, and then they run away.” [República Democrática do Congo, ex-menino soldado] (Brett e Spetch, 2004, p.134; ênfases minhas).

“At the end of the war we wanted peace but *there were no jobs and we did not have means of supporting our families*. In such a situation, *why not remain a soldier?* At least it’s a way of earning some small amount of money.” [Afeganistão, ex-menino soldado] (Wessels, 2006, p.155; ênfases minhas).

O desejo de retornar ao combate após a desmobilização é mencionado em nove dos 86 depoimentos de ex-crianças soldado analisados, seja por considerarem a vida militar o melhor ou único meio de sobrevivência ou em função do orgulho de serem soldados. Mesmo as ex-crianças soldado que participaram do processo de DDR apontam a vida militar como a única oportunidade, pois não conseguiram nem emprego nem retomar os estudos. O relato de um ex-menino soldado liberiano é esclarecedor:

I went through the program in 1997 and received some assistance but it soon ran out. For a while, I did some small jobs around Monrovia, but *there was not much to do and I couldn’t afford to go back to school*. So two years ago, I decided to join the LURD. *I figured it was better to fight and try to get something, than hang around town doing nothing* (HRW, 2004, p.42; ênfases minhas).

Enquanto os depoimentos acima indicam a frustração sentida pelas ex-crianças soldado ao buscarem se reintegrar à vida civil, outros meninos e meninas expõem medo ou insegurança, seja em relação à possibilidade de rejeição por parte da comunidade ou à incerteza acerca do futuro. Os quatro relatos abaixo ilustram as sensações de insegurança, abandono ou rejeição que remetem ao receio dos jovens desmobilizados em relação à volta às comunidades no pós-conflito armado, mesmo após a participação nos programas de DDR.

“*I don’t know what I will do in the future*. Since I’ve been here [at the trauma counseling center], I haven’t seen my family, and am sad that they haven’t come. I don’t know anything about them – I have no news. *I can’t go home. I’ll be re-abducted and killed straightaway*.”[Uganda, ex-menino soldado, 14 anos] (HRW, 1997, p.54; ênfases minhas).

“Sometimes others at school accuse me of being a militia and this makes me very sad – I had to stay with the militia. Sometimes I think people are talking about me

and I feel very sad. I am afraid that the militia will come back here. We want to continue our studies but sometimes it is difficult – sometimes there are people who don't like us.”[Timor Leste, ex-menino soldado, sequestrado aos 16 anos] (Unicef, 2003, p.69; ênfases minhas).

“I lost my time in the military and *now I don't manage to study to learn a profession...* Working the land without fertilizers won't produce anything. Also here in the village there is nothing to do to amuse us. The only soccer ball we had broke a long time ago... *When I think of all this, my heart beats and becomes sore and I am unable to sleep at night...*” [Angola, ex-menino soldado, 19 anos] (Honwana, 2006, p.144; ênfases minhas).

“We have a DDR process for peacebuilding which is going well, but *still we do not feel secure – especially women and children.*” [Afeganistão, ex-menina soldado, 14 anos] (Unicef, 2007, p.18; ênfases minhas).

Tais depoimentos apontam para processos de reintegração ineficazes, que apesar de oferecerem o que muitas destas crianças consideram essencial, não asseguram, na prática, o retorno à vida civil. Aqui voltamos à idéia inicial acerca do problema de um programa de DDR padrão; Isto é, não basta inserir as crianças na escola ou garantir a reunificação dos jovens desmobilizados com suas famílias se as particularidades da situação local e as condições sociais das crianças são silenciadas. Não questionamos a relevância da educação, do treinamento vocacional e da reunificação familiar para a reintegração das ex-crianças soldado, no entanto argumentamos que os planejadores do DDR precisam, primeiro, ouvir as vozes dos jovens desmobilizados para então agir em benefício deles. Dessa forma, é possível identificar qual treinamento vocacional é mais adequado, se a reunificação familiar é válida e que perfil de curso educacional deve ser proporcionado.

Esta sensação de frustração e de insegurança é, em muitos casos, ainda mais acentuada entre jovens que, embora sejam crianças segundo a Lei<sup>42</sup>, acumulam responsabilidades “de adultos”<sup>43</sup>. Estes jovens, muitas vezes, retornam à vida civil já como chefes de famílias constituídas durante a guerra e, portanto, o processo de reintegração deve ter um enfoque diferenciado, por exemplo, na

---

<sup>42</sup> Como vimos, no capítulo anterior, o Direito Internacional determina os 18 anos como marco de transição da infância para adultez. Neste caso, estamos falando sobre os jovens com menos de 18 anos, que apesar de assumirem responsabilidades distintas, são crianças de acordo com a Lei Internacional.

<sup>43</sup> Utilizamos o termo adulto entre aspas, pois, nos remetemos à visão do Direito Humanitário Internacional acerca das distinções entre infância e adultez. Neste contexto, as responsabilidades acumuladas pelos jovens desmobilizados não correspondem à infância, já que esta equivale a uma fase despreocupada da existência humana. Assim, ser pai de família, por exemplo, estaria associado à adultez.

inclusão econômica. A reinserção deste jovem na escola com a finalidade de retomar uma rotina infantil dita *normal* não é eficaz, já que os interesses da própria ex-criança soldado apontam em outra direção. Estes jovens adultos, em detrimento da volta à escola, desejam assistência na aquisição de terras cultiváveis ou de emprego. Estas demandas estão claras nos depoimentos de crianças soldado maiores de 15 anos. Por exemplo, o relato de um ex-menino soldado ugandês, 17 anos:

After escaping the Lord's Resistance Army, I was trained as a carpenter. *I hoped to earn enough money from digging to rent a place in town, but the digging makes barely enough money to feed and clothe my family*, and often I trade onions for other goods instead of money. Now I don't believe I'll ever get to live in town and sell my chairs (Singer, 2006, p.206; ênfases minhas).

O exemplo dos jovens adultos demonstra o risco de tratar o grupo de crianças soldado como homogêneo, independentemente das condições sociais do ambiente ao qual o jovem será reintegrado e da situação particular destes ex-soldados. Outro grupo que merece atenção são meninos e meninas que assumiram determinados papéis durante a guerra – como líder, combatente e até mesmo “marido” - e, portanto, negam serem tratadas como crianças ingênuas e indefesas ao retornarem à vida civil. Nesse sentido, tais crianças rejeitam a concepção de infância *normal*, estabelecida pelo Direito Internacional Humanitário, que equivale a uma fase despreocupada e sem responsabilidades da existência humana (Honwana, 2001). Conseqüentemente, estas crianças negam qualquer programa fundamentado nesta noção internacional, embora localizada, de infância. No documentário *Children of Conflict*, produzido pela rede Aljazeera (2007), ex-crianças soldado da República Democrática do Congo contam suas experiências militares e falam sobre a transição à vida civil. Um dos meninos entrevistados (idade desconhecida), apesar do pequeno tamanho físico, chama atenção pelo discurso típico de alguém que acumula diversas vivências:

When I was in the militia I was used to be alone and *being independent*. *It's hard to go back living with parents after that*. I didn't like living with my parents. *I'm child, yes, in age, and in size I am still small, but I know so many things about the world that nobody can joke with me or tell me what to do*. (ênfases minhas).

Em resumo, é possível concluir a partir da análise destes 86 depoimentos de ex-crianças soldado que a maioria dos relatos apresenta dois momentos: (1) a criança afirma o que deseja ou considera essencial à reintegração à vida civil; (2) as crianças seguem os relatos com medos e frustrações diante de uma realidade

distante daquela desejada ou prometida. Como vimos, este primeiro momento – o dos desejos – concorda em grande parte com o que o programa de DDR visa oferecer. Isto é, educação, treinamento vocacional/emprego e reunificação familiar são tanto os fatores considerados essenciais pela maioria das ex-crianças soldado (44) quanto o foco, em teoria, do programa. No entanto, quando passamos ao segundo momento, percebemos um distanciamento entre a finalidade do programa de DDR e o que as crianças efetivamente vivenciam ao longo do processo de reintegração à vida civil. Argumentamos, nesse sentido, que a adoção pelas Nações Unidas de um padrão de infância normal, embasado na lógica ocidental, é um fator determinante na relativa falta de sintonia entre o DDR e sua principal meta, ou seja, a reintegração de ex-crianças soldado à vida civil.

No capítulo anterior, na seção sobre DDR de crianças soldado, afirmamos que um fator fundamental à reintegração destes jovens à vida civil é a construção de uma nova identidade, que simboliza o rompimento efetivo com a vida militar. Este processo, como já analisado, começa, em alguns casos, com a entrega da arma na fase de desarmamento e termina quando estas ex-crianças soldado assumem um papel e uma identidade social respeitada pela comunidade e por sua família. Seja através do treinamento vocacional, da garantia do retorno à escola ou da reunificação familiar, o DDR tem um papel fundamental na *constituição destas ex-crianças soldado* no pós-conflito armado.

Em outras palavras, a reintegração à vida civil depende das crianças aprenderem a abandonar as identidades militares e, conseqüentemente, a prever seu futuro como civis. Este processo – no qual o DDR desempenha um papel fundamental – é específico e localizado. Assim, valendo-nos da discussão feita por Foucault em *Vigiar e Punir*, voltamos novamente ao problema de o DDR partir de um padrão de infância *normal* e impor um papel único – ou identidade social única - a todos os jovens desmobilizados independentemente das condições sociais nas quais eles vivem. Embora, teoricamente, seja possível uniformizar o “ser criança” e, conseqüentemente, os papéis que esta pode desempenhar, na prática, esta padronização é respondida com frustrações, medos e inseguranças expressos pelas próprias ex-crianças soldado que não conseguem se reintegrar à vida civil na *própria* sociedade. Um ex-menino soldado que retorna à comunidade como chefe de família não prioriza a escola embora seja menor de 18 anos; ele deseja conseguir um emprego e gerar renda para se tornar elegível ao papel de

marido e de pai perante os olhos da própria sociedade. Tal demanda deve ser considerada pelos planejadores do DDR para que as ferramentas necessárias à redefinição da identidade social deste jovem sejam asseguradas.

Por fim, a integração social bem sucedida deve satisfazer as aspirações mais fundamentais das ex-crianças soldado: ver a si próprio e ser visto não como crianças soldado, mas como jovens comuns aceitos por suas famílias e comunidades. O forte desejo por aceitação e normalidade – independentemente do que normalidade significa em cada sociedade – expressos por ex-crianças soldado, cujas experiências infantis foram tão violentas, comprova seu poder de resiliência e rejeita a idéia amplamente divulgada de “geração perdida ou traumatizada”. Além disso, nos lembra que esta transição da vida militar à civil é um processo tanto social quanto individual. E, portanto, o DDR deve atentar às demandas e às especificidades relativas a ambos os espaços.

#### **4.4. Considerações Finais**

Com base nesta pesquisa, concluímos que o DDR é uma ferramenta em potencial. Isto é, em teoria, o programa desenvolvido pelas Nações Unidas para garantir a reintegração de ex-crianças soldado à vida civil concorda em grande parte com os fatores destacados pelos próprios meninos e meninas em processo de retorno às comunidades. No entanto, em termos práticos, identificamos um distanciamento entre o discurso das Nações Unidas e a resposta destas crianças ao processo de transição à vida civil.

Os desejos apresentados pelas ex-crianças soldado em seus depoimentos são contrastados por medos e frustrações. Por exemplo, a vontade de ir à escola – ressaltada através do uso da frase “eu quero” por 12 dos 23 jovens que mencionam o tema da educação – é seguido, em muitos casos, ou pela frustração diante da incapacidade de pagar as taxas exigidas ou pelo medo de não ser aceito pelos colegas. Em relação à reunificação familiar, o desejo de rever os parentes (9) é confrontado pelo medo de não ser útil naquele espaço.

Estes medos, inseguranças e frustrações expressos pelas ex-crianças soldado apontam para inadequação prática do programa de DDR. Independentemente de os desejos destes jovens coincidirem em grande parte com o que o programa visa

oferecer, na prática, ainda há um caminho a ser percorrido. Nós argumentamos que esta relativa falta de sintonia está em parte associada à adoção de um padrão de infância pelas Nações Unidas que não é necessariamente adequado às distintas sociedades. Uma criança em Angola, por exemplo, não desempenha o mesmo papel social nem tem as mesmas necessidades do que uma criança no Nepal ou na Colômbia.

Destarte, os planejadores dos programas de DDR futuros, que buscam a reintegração bem-sucedida destes jovens desmobilizados, têm a sua frente um desafio complexo de buscar promover o atendimento apropriado de crianças cujas necessidades são as mais variadas. Estas demandas diferem de acordo com uma série de fatores: desde a noção particular de infância de cada localidade às experiências vivenciadas durante a guerra, questões de idade e gênero, habilidades adquiridas ou não enquanto vinculadas aos grupos armados, problemas psicossociais e situação familiar no pós-conflito armado. Portanto, um estudo detalhado acerca dos contextos locais que influenciam o desenvolvimento e a implementação do programa é imperativo para que o DDR seja bem-sucedido na prática.